



TENSÃO NAS AMÉRICAS

Maduro reforça a própria segurança

Jornal *The New York Times* revela que ditador venezuelano dorme em locais diferentes a cada noite, utiliza vários celulares e alterna as rotinas de descanso. Especialistas veem o risco de traição interna e um chavismo fragmentado

» RODRIGO CRAVEIRO

Ele tem a captura avaliada em US\$ 50 milhões (ou R\$ 265,5 milhões) — valor prometido pelo governo de Donald Trump — e sofre uma ameaça de ofensiva terrestre dos Estados Unidos dentro de seu país. O ditador venezuelano, Nicolás Maduro, adotou medidas incomuns para reforçar a própria segurança, depois que a Casa Branca autorizou uma operação secreta da Agência Central de Inteligência (CIA) dentro da **Venezuela** e anunciou uma incursão para “muito em breve”. De acordo com o jornal *The New York Times*, citando figuras próximas ao chavismo, Maduro muda os locais de pernoite com frequência, utiliza celulares diferentes e tem modificado as suas rotinas de descanso. O receio de uma traição no círculo interno de poder levou o líder chavista a ampliar a presença de agentes cubanos em seu entorno. Maduro também teria incorporado oficiais da contrainteligência de Cuba às fileiras do Exército venezuelano.

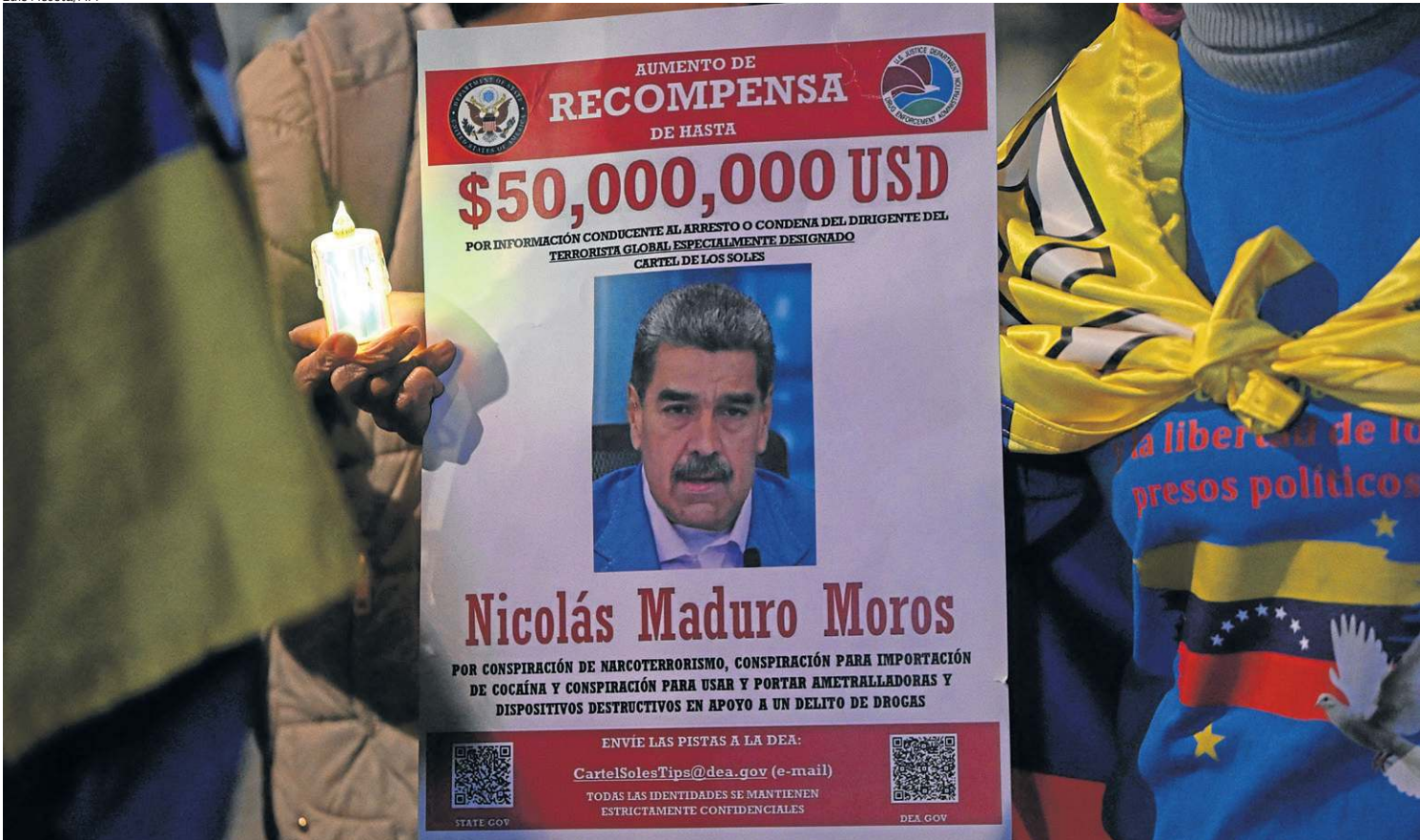
“O padrão descrito pelo *The New York Times* — mudar de lugar para dormir, usar vários celulares e alterar rotinas — é típico de líderes que sentem que o risco não vem somente do exterior, mas do próprio sistema que os sustenta”, afirmou ao **Correio** Jose Vicente Carrasquero Aumaitre, professor de ciência política da Universidad Simón Bolívar (em Caracas). “Quando um chefe de Estado necessita viver como fugitivo dentro de seu país, não estamos diante de segurança: estamos ante um temor estrutural. Esses comportamentos não são uma resposta a uma ameaça específica, mas, sim, a uma análise mais profunda: Maduro sabe que seu ambiente está infiltrado, que seu círculo íntimo está fragmentado, que existem setores dentro do establishment militar com lealdades ‘elásticas’ e que o narco-Estado liderado por ele fomenta inimigos internos e externos”, acrescentou.

"Saiam imediatamente!"

O Departamento de Estado renovou um alerta para que americanos não viajem à Venezuela e emitiu uma advertência: "Recomenda-se fortemente que todos os cidadãos dos EUA e residentes permanentes legais na Venezuela deixem o país imediatamente". "Não viajem nem permaneçam na Venezuela, devido ao alto risco de detenção ilegal, tortura na prisão, terrorismo, sequestro, aplicação arbitrária das leis locais, levante civil e infraestrutura de saúde precária", completa o comunicado.

Para Imdat Oner, ex-diplomata turco que morou em Caracas e hoje analista político da Universidade Internacional da Flórida, precauções como aquelas adotadas por Maduro são muito comuns em líderes que se sentem ameaçados por forças externas ou conspirações internas. “Há muito tempo Maduro se preocupa com uma possível operação dos EUA ou com traição dentro de seu próprio círculo de segurança. A mudança de localização, telefone e rotina diária demonstra sua tentativa de reduzir sua previsibilidade, uma grande vulnerabilidade em qualquer cenário que envolva um alvo de alto valor”, explicou à reportagem. Oner avalia que o ditador venezuelano está em posição muito mais frágil hoje, pois perdeu qualquer legitimidade eleitoral real em 2024. “Ele sabe que seu apoio diminuiu, mesmo dentro do chavismo, e isso torna mais vulnerável do que em crises anteriores. Por esse motivo, ele parece mais disposto a conversar com os EUA, por entender que sua situação não é sustentável para sempre”, observou. Ainda de acordo com ele, dessa vez, a pressão externa poderia surtir a diferença. “Trump quer um resultado

Luis Acosta/AFP



Venezuelano segura vela durante vigília contra o presidente Nicolás Maduro em Bogotá: recompensa de US\$ 50 milhões pela captura

Anna Moneymaker/Getty Images/AFP



concreto na Venezuela e não deseja dar a impressão de recuo. Ainda assim, não acredito que Maduro caíra devido a uma ação direta dos EUA. Se ele sair, será porque a

pressão externa causará uma ruptura interna, especialmente dentro das Forças Armadas.” Nos últimos dias, Trump escalou a retórica não somente em relação à Venezuela.

Almirante nega ordem de Hegseth para "matar todos"

Em sabatina na Câmara dos Representantes, no Capitólio (em Washington), o almirante Frank Bradley (foto) — comandante que supervisionou os ataques a uma suposta lancha do narcotráfico que mataram dois sobreviventes, no Mar do Sul do Caribe — desmentiu uma ordem dada pelo secretário da Guerra, Pete Hegseth, para "matar todos" a bordo da embarcação. "Analisai o vídeo e ele é profundamente perturbador. O fato é que matamos duas pessoas que estavam em grande sofrimento e não tinham os meios, nem obviamente a intenção, de continuarem com sua missão", disse o deputado democrata Jim Himes, integrante do Comitê de Inteligência da Câmara.

Também ameaçou atacar o narcotráfico na Colômbia e no México.

Colômbia

Andrés Macías Tolosa — professor da Faculdade de Finanças, Governo e Relações Internacionais da Universidad Externado de Colombia

— entende que Trump e o homólogo colombiano Gustavo Petro têm posições e ideologias opostas. “Eles veem essa tensão como uma forma de gerar controvérsia e buscar maior governabilidade. Essa ameaça faz parte da escalada da tensão, mas, por ora, não deve se agravar muito”, afirmou, por e-mail.

GUERRA NA UCRÂNIA

Putin quer o Donbass, nem que seja "pela força"

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, reiterou ontem a determinação de conquistar completamente a região ucraniana do Donbass, seja "pela força militar" ou pela retirada voluntária das forças ucranianas. A declaração, feita durante visita à Índia, precedeu o encontro, nos EUA, entre uma delegação da Ucrânia e os emissários norte-americanos que se reuniram na véspera com Putin, no Kremlin.

Durante entrevista ao jornal *India Today*, antes de ser recebido pelo primeiro-ministro Narendra Modi, o líder russo afirmou a decisão de “liberar o Donbass e a Nova Rússia”. O território mencionado abrange as províncias de Donetsk e Lugansk, controladas em grande parte por Moscou — mas não completamente —, e as de Kherson e Zaporizhíia, sob ofensiva. Em seguida à invasão da Ucrânia, em fevereiro de 2022, Putin formalizou a anexação das áreas, sem reconhecimento internacional.

Na chegada a Nova Delhi, o presidente russo reconheceu que as negociações em torno do conflito, mediadas por Washington com interferência direta de Donald

Trump, são "complexas" e representam para a Casa Branca "uma missão difícil". "Alcançar o consenso entre as partes em conflito não é uma tarefa fácil, mas acredito que o presidente Trump está tentando sinceramente", acrescentou. "Acho que devemos participar desse esforço, em vez de obstruir."

O enviado especial dos EUA para a Ucrânia, Steve Witkoff, e o genro do presidente, Jared Kushner, reuniram-se ontem na Flórida com o principal negociador ucraniano, Rustem Umerov, para relatar os resultados do encontro da última terça-feira, em Moscou. Como gesto de boa vontade, o Departamento do Tesouro suspendeu até o fim de abril um pacote de sanções imposto à petroleira russa Lukoil.

Em uma apreciação inicial, Trump considerou os resultados da visita "muito bons", embora ambas as partes tenham admitido que não concluíram "nenhum compromisso" para a paz. "A impressão deles foi de que (Putin) gostaria de que a guerra terminasse", disse à imprensa. O lado russo deixou clara a rejeição a "alguns pontos inaceitáveis" do plano, costurado

Grigory Sisyov/AFP



inicialmente entre Washington e Moscou, e depois emendado para contemplar queixas da Ucrânia e dos aliados europeus — mas ressaltou que a proposta não foi recusada totalmente.

O texto original prevê que a Ucrânia ceda as porções de território reivindicadas pela Rússia, mas não conquistadas militarmente

após quase quatro anos de guerra. Em troca, define garantias de segurança para o governo de Kiev, mas não atende à reivindicação de ingresso pleno na Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), objetivo declarado do presidente Volodymyr Zelensky e um dos motivos alegados pelo Kremlin para a invasão.

Encontro entre amigos na Índia

Um abraço caloroso do anfitrião, o premiê Narendra Modi, marcou o desembarque do presidente Vladimir Putin em Nova Délhi, marco destacado por ambos os lados na retomada da relação bilateral histórica entre Rússia e Índia. Os dois se deslocaram de carro desde a base aérea de Palam e iniciaram com um jantar de gala a programação oficial da visita de dois dias. Hoje, teriam reunião na qual o tema central seria a cooperação na área de defesa. A Índia é um dos principais importadores de armas, e a Rússia, uma fornecedora tradicional. A aproximação coincide com a imposição, por Donald Trump, de uma sobretaxa de 50% sobre a importação de produtos indianos, como represália pela compra de petróleo russo. Embora aliado dos EUA, Modi até aqui se recusa a suspender as transações com Moscou.

Fissuras

A iniciativa diplomática de Donald Trump vem abrindo fissuras com os aliados europeus da Otan, como evidenciou ontem a revista alemã *Der Spiegel*. Com base na transcrição confidencial de uma teleconferência entre governantes europeus, à qual seu site teve acesso, a publicação revela que o chanceler (chefe de governo) Friedrich Merz teria aconselhado Zelensky a "tomar muito cuidado" com as articulações entre a Casa Branca e o

Kremlin: "Eles estão fazendo joguinhos com vocês (ucranianos) e conosco (europeus)".

De acordo com a *Spiegel*, o presidente da França, Emmanuel Macron, teria sido até mais direto e sugerido que os EUA poderiam "trair a Ucrânia na questão territorial sem garantias claras de segurança". Questionado pela revista, o Palácio do Eliseu se recusou a informar sobre o conteúdo das conversações, em nome da confidencialidade, mas assegurou que "o presidente não se expressou nesses termos".